

A Interferência do Português Coloquial como uma das Fontes de Erros no Aprendizado de *Relative Clauses* que contenham *Prepositional Object*.

Carlos Alberto Gohn

Pressupostos Teóricos

Partimos do princípio que em Análise de Erros não se trabalham os erros unicamente do ponto de vista da interferência da língua materna: "Interferência Interlingual" (SELINKER, pp. 31-55) seria um termo mais abrangente. A interferência entre a língua materna e a língua-alvo estaria aí presente mas jogaria lado a lado, sem condição de superioridade, com outros tipos de interferência tal como aquela existente entre a língua materna e outras línguas estrangeiras conhecidas pelo aluno, e ainda com a interferência dessas línguas estrangeiras entre si. Contudo, podemos enfatizar, a interferência da língua materna também é considerada e para explicá-la devemos utilizar princípios da Análise Contrastiva. Como outras fontes de erros poderíamos ainda enumerar: a Interferência Intralingual, isto é, a generalização indevida de regras que existam na língua estrangeira e que tenham sido aprendidas anteriormente sendo, agora, generalizadas através de uma transferência negativa. Também os fatores sociolinguísticos, os fatores fisiopsicológicos, a idade (o adulto seria mais suscetível à interferência da língua materna), a modalidade de exposição à língua e, finalmente, o tipo de método de ensino empregado.

O enfoque do presente trabalho será o de uma análise linguística do material produzido pelos alunos (no nosso caso, corrigido pelos alunos). Para tanto devemos jogar com (A) sentenças na língua materna dos alunos (B) sentenças da língua-alvo produzidas por falantes nativos da língua-alvo; e (C) sentenças da língua-alvo produzidas pelos alunos (SELINKER, p. 35).

Para obter (A) baseamo-nos num trabalho de PIZZINI<sup>1</sup> sobre tipos de orações relativas em português como:

---

<sup>1</sup>Utilizaremos neste trabalho autores que oferecem uma descrição em termos da gramática gerativa para as orações relativas. Fica aqui a ressalva de que o emprego de tal descrição não implica em maiores compromissos de nossa parte com o modelo gerativo.

## 1. EU VISITEI O HOMEM QUE VOCÊ FALOU.

Para obter (B) nos valem da descrição das Relativas Clauses por JACOBS e ROSENBAUM (1968) que permite sentenças como:

## 2. THIS IS THE MAN THAT I SPOKE TO.

(C) foi obtido por uma rápida amostragem de sentenças corrigidas pelos alunos.

(A) Orações Relativas no português coloquial

PIZZINI discute a possibilidade da análise de orações relativas em português coloquial como:

## 1. EU VISITEI O HOMEM QUE VOCÊ FALOU

## 3. A CIDADE QUE MORO É GRANDE

Tais sentenças contrastariam com sentenças do português formal como:

## 4. EU VISITEI O HOMEM DE QUEM VOCÊ FALOU

## 5. A CIDADE EM QUE MORO É GRANDE

As características destas sentenças seria as seguintes: (a) as formas qual, quem, e cujo não ocorrem, e onde tem um emprego reduzido. (b) se há uma preposição precedendo a frase nominal correferencial na estrutura profunda essa preposição desaparece. A justificação disto estaria no fato de que em português, dependendo do registro, há frases com preposição-mais-frase-nominal deslocadas juntas, ou frases com frase nominal deslocada e preposição omitida, mas nunca frase nominal deslocada e preposição deixada na sua posição original:

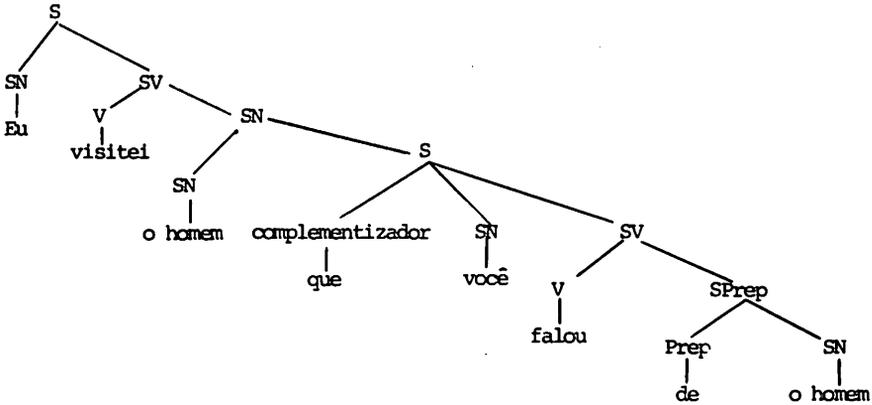
## 6. JOÃO É O HOMEM DE QUEM EU FALEI

## 7. JOÃO É O HOMEM QUE EU FALEI

## 8. \*JOÃO É O HOMEM QUE EU FALEI DE

Assim, como base de

4. EU VISITEI O HOMEM DE QUEM VOCÊ FALOU (Português formal) teríamos a estrutura intermediária:



Aceitando-se que o complementizador, neste estágio de derivação, está presente, pode-se indicar a derivação de 4: Primeiro, uma regra de deslocamento leva o SN o homem, ou melhor dizendo, o seu pronome ele, junto com a preposição de, à posição do complementizador. Nesta posição o homem se converte em pronome relativo; sendo humano e precedido de preposição, torna-se a forma quem.

Já a derivação de

1. EU VISITEI O HOMEM QUE VOCÊ FALOU. (Português coloquial)

seria explicada pela redução total do elemento correferencial ao antecedente da oração relativa (com desaparecimento, neste caso, também da preposição). A palavra que nestas orações relativas seria o complementizador.<sup>2</sup>

#### (B) Sentenças na língua-alvo (por falantes nativos)

ROSENBAUM (1968) ao descrever as Relative Clauses (capítulo

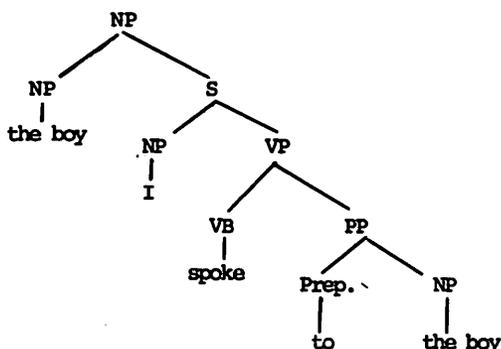
<sup>2</sup>No presente estudo não serão levadas em conta sentenças do português coloquial tipo:

Este é o homem que eu falei dele.

25), enumera exemplos em que o sintagma nominal preposicionado está separando de sua preposição:

11. THE BOY WHO(M) I SPOKE TO.
12. THE BOY WHICH I SPOKE ABOUT.
13. THE BOY THAT I SPOKE TO. (p. 203)

Seguindo seu raciocínio, para derivar 11, teríamos de passar pela estrutura intermediária:



Uma regra de movimento aplicada faz duas coisas:

"it adds the features + WH and + pronoun to the noun segment in the identical noun phrase of the relative sentence and it moves this noun segment to the front of the sentence" (p. 201)

O movimento do NP deixa a preposição no final e assim derivamos:

11. THE BOY THAT I SPOKE TO.

### (C) Sentenças com Relative Clauses corrigidas pelos alunos

Optamos por um teste onde foram enumeradas nove sentenças-alvo e três sentenças-"distractor", isto é, sentenças que "distraiam" os alunos quanto aos objetivos do teste. Um pequeno grupo de vinte alunos de Universidade (Estudantes de Letras da UFMG) deu sua colaboração fazendo o teste. Os alunos estavam no seu terceiro semestre de inglês e já haviam estudado Relative Clauses. Pediu-se aos alunos

para efetuar a correção, quando necessário, na construção das Relative Clauses. A correção, em português, apareceria (ou não) na tradução que também foi pedida. Esperávamos chegar assim a alguma conclusão quanto a "inabilidade dos alunos em separar as duas línguas" (RICHARDS, p. 173) no uso de certas Relative Clauses. Tal "inabilidade" produziria sentenças tipo:

12. \*THIS IS THE MAN THAT HE TALKED

As sentenças de números 2, 4, 6 e 7 (ver quadro I) teriam uma tradução correspondente (sem a preposição) no português coloquial (ver PIZZINI acima). Na medida em que as sentenças "passassem" e sua tradução coincidissem com as sentenças descritas por PIZZINI, teríamos evidência para postular que este tipo de estrutura do português coloquial estaria tendo interferência na construção de Relative Clauses com Prepositional Object.

1. He is the man sold me these books. (distractor)
2. This is the best present that we could think.
3. This is the house that he gave me. (distractor)
4. The dog that you were telling me yesterday died.
5. The knife that we use to cut the bread is this. (distractor)
6. The girl you were speaking died in 1920.
7. The house that they are looking is my house.
8. The girl whose mother I was talking has left.
9. I appreciate the kind words you have welcomed me.
10. That's the knife and fork that I eat.
11. The people that you were living in London are here.
12. The man that I pointed out you in the street is Martin.

Quadro I

As sentenças de números 8, 9, 10, 11 e 12 não poderiam ter uma tradução sem a preposição, sob pena de termos sentenças como:

13. \*ESTA É A FACA E O GARFO QUE EU COMI.

Estas sentenças serviriam como uma espécie de "grupo de controle" para averiguar-se o tipo de interferência em ação. Caso as sentenças de 8 a 12 "passassem" (ou aparecessem corrigidas na tradução), haveria uma indicação no sentido de que os alunos não estariam sofrendo de interferência interlingual, mas de algum outro tipo de interferência (como redução de sistema: "Help me lift the box", ao invés de "Help me to lift the box"; ou então transferência de treinamento, caso em que os

professores ou o livro-texto estivessem sempre apresentando drills com Relative Clauses, mas sem Prepositional Object (SELINKER, p. 37 e JAIN, p. 191).

Como se pode ver pelos resultados (Quadro II), as sentenças com correspondência no português coloquial (sem a preposição) não foram corrigidas de maneira significativa. As quatro correções nas sentenças 4. e 6. indicam que naqueles alunos foi estabelecida anteriormente uma ligação entre o verbo tell e a preposição about (também entre speak e about), ao menos em certos contextos. Com think of e look at não aconteceu a mesma coisa (sentenças 2. e 7.). Um aluno, mesmo usando a preposição at (sentença 7.), traduziu sem usar a preposição (o que, ao menos neste caso, invalidaria a hipótese de transferência da língua materna). Nas sentenças que em português não podem vir sem preposição os resultados indicam, para 8. e 9., haver uma falta de elementos para a interpretação semântica das sentenças (não foram traduzidas), o que se repetiria em menor proporção, também com 10., 11. e 12. A sentença 10. foi corrigida em inglês (6 alunos) que também traduziram com a preposição. Nove alunos não corrigiram em inglês, mas traduziram usando a preposição. A sentença 11. foi corrigida por dois alunos em inglês e a preposição pareceu na tradução de sete alunos. A sentença 12. foi corrigida por dez alunos em inglês e por doze em português.

	NÃO-CORRIGIDAS		CORRIGIDAS		NÃO-TRADUZIDAS
	Inglês	Português	Inglês	Português	
1. (Distractor)					
2.	20	20	0	0	0
3. (Distractor)					
4.	16	16	4	4	0
5. (Distractor)					
6.	16	16	4	4	0
7.	19	20	1	0	0
(8. a 12.: sentenças não-traduzíveis sem a preposição)					
8.	20	20	0	0	20
9.	20	20	0	0	20
10.	9	-	6	15	5
11.	5	-	2	7	13
12.	10	-	2	12	8

Quadro II

A análise destes dados já pode nos levar a algumas conclusões: As sentenças 4. e 6. "passaram" como corretas para dezesseis em vinte estudantes. A sentença 7. "passou" por dezenove e 2. por vinte estudantes. Tal fato poderia indicar uma interferência da língua materna nestes casos. As sentenças de número 8. a 12. não foram, em alguns casos, compreendidas. Para as sentenças 10. 11. e 12, o fato delas não terem sido sempre corrigidas em inglês mas aparecerem com a preposição em um número de traduções, parece indicar que houve uma "transferência de treinamento" (SELINKER, p. 37), isto é, os alunos foram exercitados em Relative Clauses sem preposição e não foram exercitados o bastante naquelas com Prepositional Object.

Apresentamos algumas considerações sobre a interferência de sentenças do português coloquial na produção de sentenças do tipo:

12. \*THIS IS THE MAN THAT HE TALKED

por parte de estudantes brasileiros. Vimos também a possibilidade de uma "transferência de treinamento" na produção destas mesmas sentenças. Estudos posteriores, feitos com um maior número de alunos, poderão aclarar mais o(s) tipo(s) de interferência envolvido(s) na questão. No p<sup>ê</sup> em que estão, os resultados já obtidos nos parecem ter alguma aplicação para o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

Jacobs, T. & Rosenbaum, P. English Transformational Grammar: Xerox College Publishing: Waltham, Mass., 1968.

Selinker, L. Interlanguage. In Candlin N.C.(org.). Error Analysis. London: Logman (1974)

Richards, J.C. A Non-Contrastive Approach to Error Analysis, In Candlin, N.C. (org.). Op. cit.

Jain, M.P. Error Analysis: Source, Cause and Significance. In Candlin, N.C; (org.). Op. cit.

Pizzini, Quentin A. Tipos de Orações Relativas em Português. (Mimeografado) s.d.